

DIA DA REGIÃO AUTÓNOMA DOS AÇORES

MADALENA
21 DE MAIO DE 2018



DIA DA
REGIÃO
AUTÓNOMA
DOS AÇORES

MADALENA
21 DE MAIO DE 2018

FICHA TÉCNICA

título

DIA DA REGIÃO
AUTÓNOMA DOS AÇORES

edição

Assembleia Legislativa
da Região Autónoma dos Açores

impressão

Nova Gráfica, lda.

tiragem

500 exemplares

junho, 2018

depósito legal

441402/18

PROGRAMA

- 10:00 – Comparência dos convidados no Auditório da Madalena.
- 10:30 – Início da Sessão Solene Comemorativa do Dia da Região Autónoma dos Açores.
- Intervenção de Sua Excelência o Presidente do Governo da Região Autónoma dos Açores.
 - Intervenção de Sua Excelência a Presidente da Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores.
 - Imposição das Insígnias Honoríficas Açorianas.
 - Momento Musical:
 - Ronda das Nove
 - Manuel Costa Júnior
 - Coro Madalena
 - Hino da Região Autónoma dos Açores
 - Hino Nacional
- 13:00 – Almoço Comemorativo do Dia da Região Autónoma dos Açores – Sopas em Honra do Divino Espírito Santo.
Local: Laja das Rosas (junto ao Solar dos Salemas).
- Atuação de Grupos Folclóricos

RESOLUÇÃO DA ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DA REGIÃO AUTÓNOMA DOS AÇORES N.º 24/2018

ATRIBUIÇÃO DE INSÍGNIAS HONORÍFICAS AÇORIANAS

Com a aprovação do Decreto Legislativo Regional n.º 36/2002/A, de 28 de novembro, que instituiu as insígnias honoríficas açorianas, a Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores pretendeu prestar homenagem a pessoas singulares ou coletivas que, em múltiplas vertentes da sua atuação e em atos com os mais diversos enquadramentos, se hajam distinguido em benefício da comunidade e na valorização da Região Autónoma dos Açores.

A materialização desses símbolos de agradecimento operou-se através do Decreto Legislativo Regional n.º 10/2006/A, de 20 de março, reportando-se ao ano de 2006 a primeira atribuição e entrega das insígnias honoríficas açorianas.

A atribuição das insígnias honoríficas açorianas, para além de representar o reconhecimento público para com os cidadãos ou instituições que, ao longo dos anos, contribuíram de forma expressiva para consolidar a identidade histórica, cultural e política do povo açoriano, pretende também, de forma simbólica, estimular a continuidade e emergência de feitos, méritos e virtudes com especial relevo na construção do nosso património insular.

Continuar a distinguir, formal e solenemente, o inestimável contributo daqueles que se notabilizaram com o seu labor, a sua arte ou o seu pensamento, simboliza a perpetuação da nossa própria identidade.

Assim, a Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores, nos termos do artigo 9.º do Decreto Legislativo Regional n.º 36/2002/A, de 28 de novembro, resolve:

1 – Atribuir as seguintes insígnias honoríficas açorianas:

INSÍGNIA AUTONÓMICA DE RECONHECIMENTO

- Albino Cristiano Alves Gomes (a título póstumo)
- Francisco Amâncio de Oliveira Macedo (a título póstumo)
- João Luís Pavão de Aguiar Machado
- John Carlos Martins
- José Martins Garcia (a título póstumo)
- Luís da Silva Alves
- Maria Adelaide Correia Monteiro de Freitas
- Maria Teodora de Borba
- Mário Luís da Silva Martins Cabral (a título póstumo)
- Regina de Azevedo Pires Toste Tristão da Cunha
- Victor Rui Ramalho Bettencourt Dores

INSÍGNIA AUTONÓMICA DE MÉRITO PROFISSIONAL

- António Manuel de Frias Martins
- Armando Ademar Monteiro Anahory (a título póstumo)
- Eduardo Manuel Arruda Carreiro da Costa
- Gilberta Margarida de Medeiros Pavão Nunes Rocha
- Manuel Humberto Neves
- Maria Rosa Pacheco Leite

INSÍGNIA AUTONÓMICA DE MÉRITO INDUSTRIAL, COMERCIAL E AGRÍCOLA

- José de Chaves Carvalho
- José Manuel Oliveira Melo

- Basílio Simões & Irmãos, Lda.
- Cooperativa Agrícola Lacticínios do Faial

INSÍGNIA AUTONÓMICA DE MÉRITO CÍVICO

- Ana Paula Espínola da Costa
- Armindo Pedro Louro
- João Carlos Cardoso Pinheiro
- Lúcia Elnora Nóia
- Almanaque do Camponez
- Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários da Ilha do Corvo
- Casa dos Açores do Estado do Rio Grande do Sul
- Casa dos Açores do Rio de Janeiro
- Casa dos Açores de Santa Catarina
- Casa dos Açores de São Paulo
- Casa de Repouso João Inácio de Sousa
- Casa de Saúde do Espírito Santo – Irmãs Hospitaleiras
- Confederação Operária Terceirense
- Delegação da Cruz Vermelha de Angra do Heroísmo
- Jornal “O Dever”
- Santa Casa da Misericórdia das Lajes do Pico
- Sociedade Filarmónica Liberdade Lajense

2 – Determinar que a presente resolução produza efeitos a partir da data da sua aprovação.

Aprovada pela Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores, na Horta, em 17 de maio de 2018.

A Presidente da Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores, Ana Luísa Pereira Luís.

INSÍGNIA AUTONÓMICA DE RECONHECIMENTO

A Insígnia Autonómica de Reconhecimento destina-se a distinguir os atos ou a conduta de excepcional relevância de cidadãos portugueses ou estrangeiros que:

- a) Valorizem e prestigiem a Região no País ou no estrangeiro, ou que para tal contribuam;
- b) Contribuam para a expansão da cultura açoriana ou para o conhecimento dos Açores e da sua história;
- c) Distingam-se pelo seu mérito literário, científico, artístico ou desportivo.

(artigo 5º, DLR 36/2002/A de 28 Novembro)





ALBINO CRISTIANO ALVES GOMES
(A título póstumo)

Nasceu na freguesia da Fazenda, concelho das Lajes na ilha das Flores, a 13 de dezembro de 1947 e faleceu a 5 de setembro de 2002.

Deixou o seu nome indelevelmente associado à Autonomia Regional e a um ciclo de realizações e progressos sem paralelo na Ilha das Flores, especialmente no concelho das Lajes das Flores.

Desde sempre possuidor de um forte carisma pessoal, que lhe conferia invulgar capacidade de iniciativa e intervenção, merecendo, assim, respeito e estima geral, foi um cidadão de convicções e de causas, a que não se furtou, com especial dedicação, empenho e sentido de serviço às populações. Com reconhecido mérito, tal haveria de distinguir a sua entrega ao interesse comum nos diversos cargos públicos que exerceu, assumindo particular relevo o de Presidente da Câmara Municipal das Lajes das Flores entre 1982 e 1997, o que fez com que o seu trabalho ultrapassasse as barreiras do Município e da Ilha e se afirmasse enquanto figura pública regional.

Sempre muito ligado à vida concreta das pessoas e da comunidade, foi também Provedor da Santa Casa da Misericórdia de Santa Cruz das Flores, Presidente da Federação dos Municípios da Ilha das Flores, Gerente do Hospital da ilha das Flores e foi Deputado Regional eleito pelo círculo da Ilha das Flores, em regime de substituição, na I Legislatura.

Cabe ainda referir a marca que deixou enquanto responsável ou dirigente de diversas organizações de âmbito recreativo, social e cultural, com destaque para o “Grupo Desportivo Fazendense”, de que foi atleta e cuja Direção veio a presidir durante vários mandatos.



FRANCISCO AMÂNCIO DE OLIVEIRA MACEDO (a título póstumo)

Nasceu em Ponta Delgada, ilha de São Miguel, a 13 de outubro de 1931 e faleceu a 16 de setembro de 2017.

Estudou no Liceu de Ponta Delgada.

Em 1952 ingressou na denominada Caixa de Crédito Agrícola de Ponta Delgada, entidade à qual dedicou toda a sua vida profissional.

Em 1968 foi nomeado gerente e diretor da Caixa de Crédito Agrícola Mútuo de Ponta Delgada. Liderou na Região o processo de fusão das Caixas Agrícolas, processo então pioneiro no país, e empenhou-se na criação da Caixa Central de Crédito Agrícola Mútuo, da qual fez parte da direção.

A sua atividade enquanto gestor financeiro tornou-o num dos decisores que mais contribuiu para o investimento e para a sustentabilidade de todo o sector agrícola nos Açores.

Destacou-se na política e na luta pela democracia no nosso país, integrando o grupo de fundadores do Partido Socialista nos Açores do qual foi um dos seus dirigentes e interlocutores mais ativos, após o 25 de abril de 1974 e no período de implantação do regime autónomico na Região.

Exerceu funções de Deputado à Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores durante a I Legislatura, eleito em 1976 pelo círculo eleitoral da Ilha de São Miguel.



JOÃO LUIS PAVÃO DE AGUIAR MACHADO

Nasceu na cidade de Ponta Delgada, na ilha de São Miguel a 16 de janeiro de 1959.

Estudou no Liceu Antero de Quental em Ponta Delgada.

Licenciou-se em Economia Internacional e Finanças pelo Instituto Superior de Economia em Lisboa. Em 1984 obteve o Diploma de Estudos Avançados sobre a Integração Europeia no Colégio da Europa, em Bruges, na Bélgica.

Em 1985 frequentou o programa “Young Economists” do Fundo Monetário Internacional, em Washington D.C. nos Estados Unidos.

Desde 1986 que trabalha nas instituições europeias na área do comércio internacional, destacando-se, nos primeiros anos da sua carreira, com funções nas delegações da Comissão Europeia em Tóquio (Japão) e junto à Organização Mundial do Comércio (Genebra).

Entre 1998 e 2004, de regresso a Bruxelas, desempenhou as funções de Chefe de Unidade de Resolução de Conflitos e de Chefe de unidade de Comércio de Serviços e Investimento na Direção Geral do Comércio da Comissão Europeia, departamento que elabora e executa as políticas da União Europeia em matéria do comércio externo.

Em 2004, ainda na Direção Geral do Comércio, foi nomeado para o cargo de Diretor para o Comércio de Serviços e Investimentos, Agricultura e Desenvolvimento Sustentável, onde liderou as relações comerciais com a China, com as Américas e com o Extremo Oriente.

Em 2007 foi nomeado Diretor-Geral Adjunto na Direção Geral de Relações Externas da Comissão Europeia, ficando encarregue

das relações entre a Comissão e a Ásia e a América Latina.

Em 2009, de regresso à Direção Geral do Comércio, foi nomeado Diretor-Geral Adjunto para os Serviços e Investimentos, Propriedade Intelectual e Compras Governamentais, e encarregado também pelas relações comerciais bilaterais com a Ásia, África e América Latina.

É nomeado, em 2014, Diretor-Geral da Direção Geral da Mobilidade e Transportes da Comissão Europeia, organismo que elabora e executa as políticas da Comissão em matéria de transportes.

A 1 de setembro de 2015 foi nomeado Diretor-Geral dos Assuntos do Mar e da Pesca na Direção Geral MARE, departamento da Comissão responsável por conceber e implementar a Política Pesqueira Comum e a Política Marítima da união Europeia.



JOHN CARLOS MARTINS

Nasceu na freguesia dos Altares, ilha Terceira, a 21 abril de 1964. Emigrou com a sua família para a Califórnia em 1966.

Formou-se em Empreiteiro Civil, no Los Angeles Trade-Technical College.

Empresário luso-descendente de sucesso, que desde cedo mantém uma participação ativa nos assuntos da Comunidade Açoriana.

Ingressou na vida política com 36 anos, sendo primeiro eleito como Vereador, entre o período de 2001 a 2003, e posteriormente, a 3 de março de 2004 foi eleito Presidente da Câmara Municipal de Artesia, em Los Angeles, cargo que exerceu até 10 de novembro de 2010.

Em 2015 foi nomeado Cônsul Honorário de Portugal em Los Angeles, cargo que desempenha até à atualidade.

É também um apaixonado pela música por isso, para além de participar e dinamizar as danças de Carnaval na comunidade, participa em grupos musicais, liderando durante 25 anos o Grupo “Aquários”.

Neste momento, lidera a banda de rock intitulada “562”, grupo que tem participado frequentemente em festivais no Canadá, na costa leste dos Estados Unidos e, também, nas Festas das Sanjoaninas e nas Festas da Praia, na ilha Terceira.



JOSÉ MARTINS GARCIA **(a título póstumo)**

Nasceu na ilha do Pico, freguesia de Criação Velha, a 17 de fevereiro de 1941 e faleceu a 3 de novembro de 2002.

Frequentou os estudos secundários no então Liceu Nacional da Horta e completou o 7º ano no Liceu Pedro Nunes, em Lisboa. Em 1969, licenciou-se em Filologia Românica, pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Entre 1969 e 1971 foi leitor de Português na Universidade Católica de Paris. De regresso a Portugal, lecionou entre 1971 e 1979 na Faculdade de Letras de Lisboa como assistente de Linguística Geral.

Em 1979 partiu para os Estados Unidos da América onde lecionou, enquanto Professor-visitante, na Brown University em Providence até 1984.

Em 1985 ingressou na Universidade dos Açores onde se doutorou com uma tese sobre Fernando Pessoa, tese que o posicionou como um dos grandes especialistas da obra daquele poeta.

Foi Professor da Universidade dos Açores, lecionando as disciplinas de Linguística, Literatura, Teoria da Literatura e onde ocupou os cargos de Vice-Reitor e diretor da revista Arquipélago-Línguas e Literaturas, terminando a sua carreira académica como Professor Catedrático.

Destacou-se como uma referência da sua geração enquanto escritor e crítico literário, com mais de três dezenas de obras publicadas.

A sua obra é multifacetada, dedicando-se à ficção, ao romance,

à poesia, ao texto dramático e a ensaios sobre a literatura açoriana, destacando-se, no âmbito, os seus ensaios sobre a obra de Vitorino Nemésio.



LUÍS DA SILVA ALVES

Nasceu na ilha das Flores, freguesia de Ponta Delgada, a 7 de dezembro de 1951.

Concluiu os seus estudos na Escola do Magistério Primário da Horta.

Foi Professor do primeiro ciclo do ensino básico durante 31 anos, tendo exercido as funções de Coordenador da educação extraescolar da Escola Básica e Integrada das Flores, de Coordenador do Núcleo Escolar de Ponta Delgada (Ponta Delgada e Cedros), Presidente do Centro de Reconhecimento e Validação de Competências, Coordenador da Educação Permanente e animador do ensino recorrente para adultos e Animador Pedagógico.

Durante 22 anos, manteve ativa participação cívica, tendo sido Secretário da Junta de Freguesia de Ponta Delgada durante três mandatos, Presidente da Junta de Freguesia de Ponta Delgada durante um mandato, Secretário da Mesa da Assembleia Municipal de Santa Cruz das Flores, Vereador da Câmara Municipal de Santa Cruz das Flores, Vice-Presidente da Câmara Municipal de Santa Cruz das Flores e Presidente da Câmara Municipal de Santa Cruz das Flores.

Foi ainda Presidente da Direção da Casa do Povo de Ponta Delgada, membro da Direção da Filarmónica de Ponta Delgada, membro da Direção do Clube de Futebol de Ponta Delgada, diretor e ensaiador do Grupo Folclórico de Ponta Delgada e diretor e fundador do Grupo de Cantares Vozes do Norte.

Participou ainda como ator de teatro e tem sido compositor e autor de músicas e letras de marchas, danças e rondas dos Reis. Foi selecionado, por diversas vezes, como membro de júri de canções infantis, entre outros.

É Diácono Permanente desde 2006, na ilha das Flores e é catequista da mesma freguesia, desde 1978.



MARIA ADELAIDE CORREIA MONTEIRO DE FREITAS

Nasceu na freguesia da Achadinha, na ilha de São Miguel, a 20 de abril de 1949.

Frequentou o Liceu de Ponta Delgada e a New Bedford High School, onde adquiriu um profundo conhecimento da língua inglesa, determinante para a sua trajetória profissional. Aprofundou os seus estudos humanísticos durante a sua permanência nos Estados Unidos, onde se licenciou em Português (Ensino Bilingue) na University of Massachusetts, em 1972. Quatro anos depois, concluiu o mestrado em Literatura Comparada na City University of New York e em 1987 o doutoramento em Literatura Norte-Americana na Universidade dos Açores.

A sua curiosidade pela área humanística destacou-se desde cedo, impulsionando e influenciando o seu percurso.

Destacou-se como ensaísta, crítica literária e professora, na Universidade dos Açores, possuindo mais de três dezenas de trabalhos que se integram em volumes, revistas, jornais e suplementos culturais. A sua obra é multifacetada, destacando-se os ensaios sobre a literatura açoriana, a atlanticidade e a diáspora açoriana.

É uma brilhante escritora com vários livros publicados, dos quais se destacam dois títulos com poesia e um texto de prosa poética para um álbum sobre o concelho do Nordeste, assim como, o romance “Sorriso por Dentro da Noite”. A nível de ensaios especificamente literários, relembrem-se as suas vastas aproximações à escrita de autores açorianos, com destaque para a obra de João de Melo.

Em colaboração com Vamberto Freitas, preparou o estudo «Women's literary contribution in the Portuguese region of the Azores».

Foi Vereadora da Câmara Municipal da Vila do Nordeste e Presidente do Instituto de Ação Social dos Açores, entre 1991 e 1996.

Em 1989, foi designada pela Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores, representante dos Açores no Conselho Nacional de Educação.



MARIA TEODORA DE BORBA

Nasceu na freguesia do Norte Pequeno, na ilha de São Jorge, a 25 de abril de 1931.

Frequentou a escola primária na freguesia do Norte Pequeno, adiando os estudos por imposição da família. Retomou os estudos mais tarde e, aos 18 anos, ingressou no Liceu Nacional Padre Jerónimo Emiliano de Andrade, em Angra do Heroísmo, que frequentou até ao quarto ano antigo. Prosseguiu os estudos no Colégio de Santo António, na Horta, ilha do Faial.

Em 1957 terminou o curso de professora primária na ilha Terceira, lecionando pela primeira vez na Escola Masculina Sousa Júnior, na Praia da Vitória.

Em 1964 e depois de lecionar em mais sete escolas primárias da ilha Terceira, pediu transferência para a ilha Graciosa, ilha da qual o marido era natural.

Em 1979, foi eleita Presidente da Junta de Freguesia de Santa Cruz da Graciosa, cargo que exerceu durante três mandatos alternados.

Em 1980 foi destacada para o cargo de Diretora do Museu da Graciosa, cargo que desempenhou até 2000, ano em que se reformou.

Foi durante a sua direção que o Museu da Graciosa recebeu um grande impulso, com a aquisição e renovação das atuais instalações e com a aquisição do espólio da Casa Etnográfica.

É uma das maiores impulsionadoras da Associação de Artesãos da Graciosa e do seu atelier e contribui significativamente para os bailinhos de Carnaval da ilha da Graciosa.



MÁRIO T CABRAL (a título póstumo)

Nasceu em Angra do Heroísmo, ilha Terceira, a 9 de julho de 1963 e faleceu a 10 de agosto de 2017.

Licenciou-se em Filosofia na Faculdade de letras de Lisboa, onde também fez o Doutoramento em Filosofia Portuguesa Contemporânea.

Exerceu a profissão de professor na Escola Secundária Jerónimo Emiliano de Andrade, mas do seu curriculum destaca-se também a sua vertente de escritor, filósofo, pensador, pintor, cronista, comentador televisivo, humanista e católico convicto.

Desde tenra idade que tomou o gosto pela Literatura. O seu legado literário divide-se entre o ensaio, o romance e a poesia.

Em 1995, publicou por meios próprios um livro de crónicas, “História duma Terra Cristã” e desde então efetuou diversas publicações.

Das principais obras publicadas, destaca-se o ensaio “Via Sapientiae: da Filosofia à Santidade” que foi a tese do seu Doutoramento, tendo sido posteriormente publicados pela Imprensa Nacional da Casa da Moeda, os romances “Livros das Configurações”, “O Acidente”, e “O Mistério da Casa Indeterminada”, e os livros de poesia “O Meu Livro de Receitas” e “Tratados”. Muitas das suas obras estão traduzidas em inglês, castelhano e lituano.

Filósofo único, marcante e profundo, quer pela obra filosófica, literária e artística, quer pela geração de alunos que ensinou, foi um dos maiores e mais brilhantes pensadores contemporâneos dos Açores.

O livro de ficção “O Acidente” foi distinguido com o Prémio John dos Passos como melhor romance publicado em Portugal em 2005-2006.



REGINA DE AZEVEDO PIRES TOSTE TRISTÃO DA CUNHA

Nasceu na freguesia da Sé de Angra do Heroísmo, na ilha Terceira, a 7 de setembro de 1934.

Estudou no Liceu Nacional Padre Jerónimo Emiliano de Andrade e na Escola do Magistério de Angra do Heroísmo.

Exerceu o ensino na Escola da Sé de Angra, Serreta, Juncal, e Praia da Vitória.

Em 1959, pelo casamento, fixou-se na Ilha de S. Jorge, no concelho da Calheta, lecionando nas Manadas, Biscoitos da Calheta e na Escola Preparatória Padre Manuel Azevedo da Cunha, sendo a autora e organizadora do primeiro Teatro e Ato de Variedades desse estabelecimento de Ensino.

Foi colaboradora de vários jornais, nomeadamente no d' A União ("Página Feminina"), do Jornal Português da Califórnia, do Correio de S. Jorge, e continua a sê-lo no Diário Insular.

Em 1979 foi a fundadora e Presidente do Núcleo da Cruz Vermelha da Calheta até 1989.

Entre 1979 a 1987, foi Presidente da Assembleia Municipal do concelho da Calheta, e de 1988 a 1992, exerceu as funções de Deputada à Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores, durante a IV Legislatura, eleita pelo círculo eleitoral da Ilha de São Jorge.

No período de 1983 a 1993 foi a responsável pelo "Grupo Etnográfico da Calheta", cujas pesquisas e recolhas originaram a publicação do livro "Da Tecelagem ao Trajo - Aspectos da Vida Jorgense", editada em 2000.

A sua profissão como professora, inspirou-a a escrever uma coletânea de nove livros “Kathy nos Açores” sobre o património de cada ilha, sendo editados em 2002. Posteriormente e a convite da Direção Regional da Cultura, e integrado na coleção «Retratos», lançou o livro “O Menino Músico – Francisco de Lacerda”. Mas do seu curriculum constam ainda outras publicações, de entre as quais se destacam “O Padre Cunha”, “O Cantar do Ilhéu” e os “Registos do Sismo de 1980 na Ilha de S. Jorge”. No ano de 2001 foi homenageada em Turlock, na Califórnia, na Paróquia de Nossa Senhora dos Portugueses, pelo “Grupo Alegria e Cantares dos Açores” – «pelos valiosos serviços prestados na origem do mesmo e por ter honrado a Ilha de S. Jorge com a publicação “Da Tecelagem ao Trajo – Aspectos da Vida Jorgense”.

Em 2012 foi agraciada com a medalha de “Mérito Municipal”, pelo Município da Calheta.



VICTOR RUI RAMALHO BETTENCOURT DORES

Nasceu na Vila de Santa Cruz, ilha Graciosa, a 22 de maio de 1958.

Em 1968, conjuntamente com a sua família, foi viver para a ilha Terceira, onde permaneceu até 1978. Em 1982, depois de concluídos os estudos, fixou residência na ilha do Faial.

Licenciou-se em Línguas e Literaturas Modernas (Estudos e Ingleses e Alemães) pela Faculdade de Letras da Universidade Clássica de Lisboa.

É professor na Escola Secundária Manuel de Arriaga, escritor, ator, encenador, poeta, ensaísta e crítico literário, que também se dedica à etnomusicologia e aos estudos etnográficos e linguísticos.

Notabilizou-se na área da escrita, onde da sua vasta obra constam vários livros publicados e presença em 22 antologias. Colabora de forma frequente com crónicas publicadas em diversos jornais e revistas regionais, bem como nacionais e da diáspora. Além disso, é autor e colaborador de diversos programas de cariz cultural no Centro Regional da Rádio e Televisão de Portugal nos Açores – RTP Açores, bem como em outros meios de comunicação social.

Ligado à arte teatral como ator, integra o grupo de Teatro “Carrocel”, do qual é Presidente. É também, desde 1998, autor de várias peças e encenador no Grupo de Teatro “Sortes à Ventura”, da Escola Secundária Manuel de Arriaga.

No campo musical, foi responsável pela introdução da Marcha da Semana do Mar, tendo sido, por diversas vezes o autor da letra

que a compõe. É frequentemente convidado a escrever, em parceria com Antero Ávila, a letra e música das marchas que desfilam nas Festas das Sanjoaninas.

No campo da linguística, pesquisa, há mais de 20 anos, os sotaques, as pronúncias e as variantes dialetais das nove ilhas açorianas.

Entre setembro de 1997 e julho de 2004 exerceu o cargo de Presidente da Comissão Executiva Provisória do Conservatório Regional da Horta e entre 2004 e 2007 foi membro da comissão editorial do Boletim do Núcleo Cultural da Horta.

Para além da sua atividade no âmbito cultural, colabora ativamente em outras áreas da sociedade Faialense, exercendo atualmente o cargo de Presidente da Assembleia Geral da “Azórica”, Associação de Defesa do Ambiente.

Foi entre 1998 e 2016 o representante da Região Autónoma dos Açores, no Conselho Nacional de Educação e integra, desde 2015, o Conselho Regional de Cultura, fazendo parte, desde 2016, da Comissão Científica do Plano Regional de Leitura.

É, desde 2004, Cidadão Honorário da ilha Graciosa e em 2006 a Câmara Municipal da Horta prestou-lhe homenagem pública pelo seu contributo na promoção das artes e da literatura no âmbito da cultura local e regional.

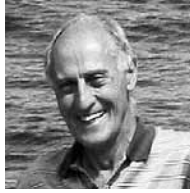
INSÍGNIA AUTONÓMICA DE MÉRITO

- A Insígnia Autonómica de Mérito será concedida para distinguir atos ou serviços meritórios praticados por cidadãos portugueses ou estrangeiros no exercício de quaisquer funções públicas ou privadas.
- Esta Insígnia divide-se em três categorias:

INSÍGNIA AUTONÓMICA DE MÉRITO PROFISSIONAL

a) Mérito Profissional – Destinada a agraciar o desempenho destacado em qualquer atividade profissional, quer por conta própria, quer por conta de outrem;





ANTÓNIO MANUEL DE FRIAS MARTINS

Nasceu em Água d'Alto, na ilha de São Miguel, a 9 de abril de 1946. Doutorado em Ciências Biológicas, em 1985, pela Universidade de Rhode Island, nos Estados Unidos da América.

É Professor Catedrático Jubilado da Universidade dos Açores, sendo especializado em “Sistemáticas e Evolução de Moluscos”, é Curador da coleção de molúsculos do Museu da História Natural e da Ciência da Universidade do Porto.

Em 2013 organizou o Congresso Mundial de Malacologia, bem como vários Workshops Internacionais para investigação malacológica e ainda Congressos e Simpósios relacionados quer com a ciência, quer com a conservação do património natural Açoriano.

Foi Presidente da Unitas Malacologica – Associação Mundial de Malacologia, entre 2012 e 2013.

É Presidente da Sociedade Afonso Chaves e editor da sua Revista “Açoreana”.

Publicou mais de uma centena de artigos de especialidade, em revistas nacionais e internacionais e é autor/co-autor, entre outros, dos livros “A Ecologia Costeira dos Açores”, “Ilhas de Azul e Verde”, “O Anel da Princesa” e “Ilhéu de Vila Franca – O vulcão Perfeito” e do programa televisivo da RTP/A “Ilhas de Bruma”.

Agraciado com as insígnias “Comendador da Ordem de Instrução Pública”, atribuído pelo Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, e com a “Medalha de Ouro Municipal e Cidadão Honorário de Vila Franca do Campo”, atribuída pela respetiva Câmara Municipal.



ARMANDO ADEMAR MONTEIRO ANAHORY
(a título póstumo)

Nasceu na freguesia de Nossa Senhora da Candelária, concelho de Bissau, a 13 de novembro de 1951 e faleceu a 14 de novembro de 2016.

Licenciou-se em Medicina pela Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa.

Desempenhou desde janeiro de 2011 até à data da sua morte as funções de Provedor do Utente da Saúde dos Açores.

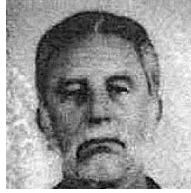
Em 1981 foi responsável pela instalação e chefia da Unidade de Hemodiálise do Hospital do Divino Espírito Santo, em Ponta Delgada e entre 1996 a 2010 foi membro da Comissão de Gestão da Obra do mesmo Hospital e Presidente do Conselho de Administração desta unidade de saúde.

Tendo sido o primeiro Provedor da Saúde nos Açores, desenvolveu um trabalho de proximidade, indo ao encontro dos hospitais e centros de saúde açorianos para que no terreno verificasse realmente os cuidados que eram prestados, colocando sempre o utente em primeiro lugar, acreditando que só assim, com um acompanhamento lado a lado com as instituições, é possível que todos consigam contribuir para um Sistema Regional de Saúde de qualidade, eficaz e eficiente.

Reconhecido pelos seus pares pela competência que imprimiu no desempenho da sua atividade profissional, aliada à inegável humanidade com que tratava quem necessitava, Armando Anahory

foi um modelo para as gerações que se lhe seguiram. Defendia que a medicina, antes de mais, era uma atividade humana e que o doente merecia toda a dedicação e amabilidade por parte de quem cuida.

Deixou um exemplo para todos, exercendo a sua atividade com profissionalismo e dando voz a todos os Açorianos através do seu desempenho como Provedor do Utente da Saúde nos Açores.



EDUARDO MANUEL ARRUDA CARREIRO DA COSTA

Nasceu na cidade de Lagoa, na ilha de São Miguel, a 27 de abril de 1942.

Frequentou o ensino secundário no então Liceu Nacional de Ponta Delgada.

Licenciou-se em Medicina, pela Faculdade de Medicina do Porto.

Iniciou a sua vida profissional nos Hospitais Cíveis de Lisboa em 1970, com o internato médico no Hospital de São José e, neste mesmo hospital, as especialidades de Estomatologia e de Cirurgia Máxilo-Facial, tendo sido um dos primeiros especialistas nacionais nesta especialidade, com a introdução de muitas técnicas cirúrgicas inovadoras.

Toda a sua carreira médica hospitalar decorreu no Hospital de São José tendo sido nomeado, por concurso, a Assistente Hospitalar de 1977 a 1983, Assistente em Chefe de Serviço de 1983 a 1991, Chefe de Serviço de 1991 a 2003 e Diretor de Serviço Máxilo-Facial de 2002 a 2012.

Em 1998 foi convidado para Professor, pela Faculdade de Medicina de Lisboa, convidado para lecionar as cadeiras de Cirurgia 1 e 2.

Desde o ano de 2012 que, por limite de idade, que se encontra na situação de aposentado, sendo atualmente um dos empresários turísticos da cidade de Lagoa.

Ao longo de toda a sua carreira profissional sempre dedicou especial atenção aos doentes com origem nos Açores, simplificando e apoiando os processos inerentes ao seu tratamento no Serviço de Cirurgia Máxilo-Facial (Hospital de São José) do Centro Hospitalar Central de Lisboa.



**GILBERTA MARGARIDA DE MEDEIROS
PAVÃO NUNES ROCHA**

Nasceu na freguesia de São Pedro, concelho de Ponta Delgada, ilha de São Miguel, a 9 de março de 1951.

Licenciou-se em Finanças, pela Universidade Técnica de Lisboa e é Doutorada em Ciências Sociais, especialidade de Demografia, pela Universidade dos Açores, tendo trabalhos publicados a nível nacional e internacional nas áreas da Dinâmica Demográfica, Migrações, Envelhecimento Populacional, Família e Género.

Atualmente é professora catedrática, aposentada da Universidade dos Açores, mantendo-se, no entanto, como Investigadora do Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais (CICS.UAC). Foi Diretora do Centro de Estudos Sociais da Universidade dos Açores (CES-UA), entre 1992 e 2015 e desta data até julho de 2017, Diretora do CICS.UAC, sendo ainda da Comissão Coordenadora do Observatório da Juventude e membro do Conselho Científico de 2011 até à data da aposentação, em outubro de 2017.

Ainda naquela Universidade, foi Diretora do Departamento de História, Filosofia e Ciências Sociais, Pró-Reitora e membro do Conselho Geral.

Assumiu a função de Coordenadora da Universidade dos Açores para a cooperação com Timor, de março de 2002 a julho de 2003 e foi Representante da Universidade dos Açores no Grupo de Trabalho da Federação das Universidades Portuguesas sobre Timor-Leste entre 1996 e 1997.

Entre 2000 e 2006 foi representante do Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas no Grupo de Trabalho de Demografia do Conselho Superior de Estatística e entre 2002 e 2006 foi Presidente da Mesa da Assembleia Geral da Associação Portuguesa de Sociologia. No período de 2006 a 2010 assumiu o cargo de Presidente do Conselho de Deontologia da mesma Associação, sendo a partir da última data membro do seu Conselho Consultivo.

Desde 2001 que é Presidente do Conselho Consultivo da Associação Portuguesa de Demografia e entre 2010 e 2013 coordenadora da Rede Interuniversitária em Demografia.

Desde 2013 que é representante da Região Autónoma dos Açores para integrar a Comissão de Política Económica e Social do Conselho Económico e Social, sendo por inerência membro do Conselho Regional de Concertação Estratégica dos Açores.



MANUEL HUMBERTO NEVES

Nasceu em São Roque do Pico a 26 de fevereiro de 1958 e foi nesta freguesia que concluiu a escola primária.

Entre 1970 e 1972 frequentou a Escola de Pesca da Casa dos Pescadores da Horta, adquirindo a Cédula Marítima.

Com 14 anos começou a trabalhar na Empresa de Lanchas do Pico como marinheiro de tráfego local no canal entre as ilhas do Faial e do Pico.

Aos 20 anos fez a Carta de Mestre de Tráfego Local, na Capitania da Horta, e ingressou na empresa de navegação Transmaçor, exercendo a partir de 1987 o cargo de Mestre de Tráfego Local, cargo que manteve até 2011, ano em que se reformou.

Toda a sua vida foi dedicada ao transporte de passageiros no canal entre as ilhas do Faial e do Pico, alargando, por vezes, a área de navegação às restantes ilhas do grupo central. Teve a seu cargo o comando do Cruzeiro do Canal, Cruzeiro das Ilhas, Expresso do Triângulo, Expresso das Ilhas e o Trijet.

É o último mestre, ainda vivo, que se encarregou do governo das emblemáticas embarcações que atravessavam o canal Faial/Pico: as lanchas Calheta, Espalamaca e Velas.



MARIA ROSA PACHECO LEITE

Nasceu em Ponta Delgada, ilha de São Miguel, a 23 de julho de 1950.

Licenciou-se em Medicina pela Faculdade de Medicina de Lisboa.

Iniciou a sua vida profissional no Hospital de Ponta Delgada em 1978, tendo sido Diretora do Serviço de Anestesiologia no período de 2003 a 2009, sendo, desde 1993, Chefe de Serviço de Anestesiologia do mesmo Hospital.

De 2003 a 2005 acumulou as funções com a da direção do bloco operatório.

Aos 67 anos de idade, ainda no ativo, o seu percurso de vida é um exemplo, enquanto profissional, tendo dedicado toda a sua vida à causa dos doentes, negando o recurso a dispositivos legais que a poderiam dispensar de muitas horas de trabalho, sendo uma profissional dedicada que nunca se negou a somar horas de serviço, sem qualquer tipo de exigência que não fosse a de salvaguardar o bem-estar dos doentes e o bom funcionamento da unidade de cuidados intensivos.

INSÍGNIA AUTONÓMICA DE MÉRITO INDUSTRIAL, COMERCIAL E AGRÍCOLA

b) Mérito Industrial, Comercial e Agrícola - Destinada a agradecer aqueles que, tendo desenvolvido a sua atuação nas áreas industrial, comercial ou agrícola, se hajam destacado por relevantes serviços para o seu desenvolvimento ou por excepcionais méritos na sua atuação;





JOSÉ DE CHAVES CARVALHO

Nasceu em Santo Espírito, ilha de Santa Maria, a 3 de setembro de 1937.

Naquela freguesia fez o seu percurso escolar, concluindo a antiga quarta classe.

Iniciou a sua vida profissional aos 11 anos como funcionário de balcão de mercearia em Vila do Porto. Desempenhou, mais tarde, funções administrativas na construção do Aeroporto de Santa Maria e na Câmara Municipal de Vila do Porto.

No final dos anos 60 transitou para a Empresa de Eletricidade dos Açores onde desempenhou funções administrativas até à sua reforma em 1987.

Nesta altura abraçou, a tempo inteiro, o projeto empresarial que criou, em 1966, com a sua esposa Francisca Teresa dos Santos Dobreira, empresa que transformou em 1977 na sociedade comercial T. SANTOS DOBREIRA Ld.^a.

Atualmente, a empresa emprega cerca de 30 colaboradores e possui 3 supermercados, sendo uma empresa de referência na economia da ilha. Foi membro fundador e é sócio da sociedade comercial Praia de Lobos.

Notabilizou-se pela preocupação que sempre demonstrou em inovar e garantir a qualidade de produtos aos seus clientes em Santa Maria, adaptando-se à evolução do comércio retalhista. Neste sentido, fez parceria com a empresa grossista do Continente GTC- Co-

opertores, da qual foi um dos fundadores e sócio da representação da mesma nos Açores.

Paralelamente foi Vereador da Câmara Municipal de Vila do Porto e fez parte, durante muitos anos, da Delegação de Santa Maria da Câmara de Comércio e Indústria de Ponta Delgada. Desempenhou também o cargo de avaliador público junto de Repartição de Finanças de Vila do Porto.

Para além da sua atividade profissional, toda a sua vida tem sido pautada por uma constante atividade cívica com as instituições locais de cariz cultural e social, tendo sido um dos sócios fundadores da Associação Maré de Agosto.

É sócio do Clube Asas do Atlântico, onde fez parte dos corpos sociais e da Associação Recreativa e Cultural Banda 15 de Agosto. É membro (irmão) da Santa Casa da Misericórdia de Vila do Porto e também da Irmandade do Senhor Santo Cristo dos Milagres de Vila do Porto e foi sócio e é membro desde o seu início da Associação de Assistência Fraterna Ajuda Cristã de Vila do Porto.



JOSÉ MANUEL OLIVEIRA MELO

Nasceu na freguesia das Furnas, concelho da Povoação, a 3 de outubro de 1949.

Formou-se, em 1974, como Engenheiro Técnico Agrário pelo Instituto Superior Agrário de Santarém.

Desde 1975 que é proprietário e Sócio Gerente da empresa “A Granja Lda. - Sociedade de Representações de Produtos para a Agricultura e Pecuária Lda.”, importante instituição impulsionadora do setor primário da Região, enquanto ponto de comercialização dos mais variados produtos e artigos da área.

Paralelamente, toda a sua vida profissional se tem pautado por uma imensa e reconhecida atividade de serviço em prol da comunidade micalense, tendo presidido a muitas das várias instituições de que fez parte, designadamente o Rotary Clube de São Miguel, a Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Ponta Delgada, tendo ainda exercido os cargos de Presidente da Direção e da Assembleia Geral da Sociedade Filarmónica Harmónica Furnense, banda da sua freguesia natal.

Foi Presidente da Assembleia Geral da Escola de Formação Turística e Hotelaria de Ponta Delgada e Vice-presidente da Câmara do Comércio e Indústria de Ponta Delgada.

Exerceu funções como membro da Direção do Banco Alimentar dos Açores, importante instituição de solidariedade social açoriana, integrou a Verde Golf S.A, como membro do respetivo Conselho de Administração e foi fundador da Associação Sénior de São Miguel.

Na área autárquica, desempenhou funções como vereador da Câmara Municipal de Ponta Delgada e da Câmara Municipal da Povoação, tendo ainda feito parte como membro da Assembleia Municipal do concelho onde nasceu.

Basílio Simões & Irmãos, Lda.

BASÍLIO SIMÕES & IRMÃOS, LDA.

Fundada por António Pedro Simões que foi marinheiro, capitão do lugre “Flor de Angra”, no século XIX, e que deixou de cruzar os mares entre o Continente, a América, o Brasil e os Açores, para ficar em terra e fundar o negócio que daria origem à empresa “Basílio Simões & Irmãos”.

Atualmente o negócio é gerido pelo seu bisneto António Pedro de Menezes Simões.

Este estabelecimento comercial iniciou a sua atividade com a mercearia na rua Direita, na cidade de Angra do Heroísmo, com as prateleiras repletas de especiarias e outros bens vendidos a granel. Com a sua traça centenária, a loja parece ter ficado resguardada do tempo, resistindo à voracidade da modernidade.

Este negócio é o mais carismático desta empresa familiar, já que o avô do atual gerente, Senhor Basílio, alargou a outras áreas de negócio, como sendo o das rações, com a criação da Moagem Terceirense, e o da indústria de panificação. Detêm ainda uma participação na INSCO.



COOPERATIVA AGRÍCOLA DE LACTICÍNIOS DO FAIAL, CRL

Foi oficialmente constituída a 29 de outubro de 1943, surgindo na sequência do encerramento da sociedade “Fábrica de Lacticínios Fayal, Lda”. Desde logo, esta Cooperativa visou a sua atividade laboral no sentido de dar resposta às necessidades da população local e, sobretudo, dos seus agricultores, que careciam de um local adequado onde pudessem depositar o leite recolhido das respetivas explorações.

Localizada na freguesia dos Cedros, depressa abrangeu as restantes freguesias rurais, contribuindo, consideravelmente, para o desenvolvimento socioeconómico da ilha do Faial.

Em 1960, passou a dispor de novas instalações, dotadas de moderno equipamento, que permitiu desenvolver o fabrico de queijo, que passou a ser a mais valia da sua produção.

Em 1989, foi criada uma secção comercial para apoio às explorações agrícolas dos seus associados.

Foram inauguradas, em 2004, as novas instalações fabris. Com tecnologia avançada, a nova fábrica corresponde aos níveis de exigência comunitária e de mercado.

No contexto regional, a importância desta Cooperativa situa-se ao nível da qualidade, reconhecida nos certames que anualmente se realizam e nos quais tem obtido boas classificações.

Entre os vários prémios com que foi galardoada, merecem destaque o “Queijo Bola Ilha Azul” com o prémio Melhor Queijo na ca-

tegoria “Flamengo” e o “Queijo Prato Ilha Azul” com uma Menção Honrosa na categoria “Vaca (Cura Normal)”, em 2014, pelo Concurso Queijos de Portugal. Alcançou também, em 2010, o primeiro lugar na categoria “Bola”, pela Feira Agrícola dos Açores.

Em outubro de 2017 o “Queijo Ilha Azul” foi considerado o melhor queijo na sua categoria, no concurso Queijos de Portugal 2017, promovido pela Associação Nacional dos Industriais de Lacticínios. Também o “Queijo Capelinhos”, produzido pela Cooperativa, recebeu uma menção honrosa neste concurso.

INSÍGNIA AUTONÓMICA DE MÉRITO CÍVICO

c) Mérito Cívico – Destinada a agraciar aqueles que, em resultado de uma compreensão nítida dos deveres cívicos, contribuíram, de modo relevante, para os serviços à comunidade, nomeadamente nas áreas de ação social e cultural.

(artigo 6º, DLR 36/2002/A de 28 Novembro)





ANA PAULA ESPÍNOLA DA COSTA

Nasceu em S. Pedro, ilha Terceira, a 5 de maio de 1963.

Concluiu o Bacharelato em Educação de Infância, em 1986, a Licenciatura em Orientações Curriculares pela Escola Superior de Leiria, em 2005, e a Pós-Graduação em Educação Especial, em 2012.

Tem participado em inúmeras ações de formação nas áreas do atletismo e do treino desportivo, vocacionadas para os jovens, treinadores e dirigentes. Tem, igualmente, sido colaboradora da Federação Portuguesa de Atletismo em cursos de monitores e juizes de Atletismo, nas ilhas das Flores e Terceira.

Em 1980 começou a exercer as funções de Técnica, Juiz e Dirigente Desportiva. Concluiu em 1982 o curso de Monitora de Atletismo e em 1984 o curso de Juiz Nacional. Desde 1990 é Treinadora de Atletismo de Grau III.

Entre os anos 1996 e 2016, foi representante dos Açores no “Grupo de Reflexão do Atletismo Juvenil” da Federação Portuguesa de Atletismo e foi coordenadora do Desporto na Associação Cristã da Mocidade, de 2014 a 2016.

De 2004 a 2008 foi conselheira no Conselho Açoriano para a Alta Competição e, entre no período de 1998 a 2019, foi Diretora Técnica da Associação de Atletismo da ilha Terceira, onde desempenhou a função de Seleccionadora Regional da Campanha Viva o Atletismo e dos Jogos das Ilhas.

Desempenhou a função de treinadora no Sport Clube Marítimo, no Sport Clube Angrense, no Sport Clube Lusitânia, no Sport Clube

Barreiro e na Associação Cristã da Mocidade.

Entre 2000 a 2009 cumpriu a função de Presidente do Conselho de Arbitragem da lha Terceira.

Em 2012 iniciou um projeto ao nível do Desporto Adaptado (atletismo e futsal), sendo o atletismo a modalidade onde se tem feito notar pelos resultados alcançados, tanto ao nível regional, nacional e, principalmente, internacional.

Desde 2014 que acompanha diversas seleções nacionais aos Campeonatos da Europa e do Mundo, INAS e IPC, tendo integrado a Seleção Nacional nos Jogos Paralímpicos no Brasil em 2016.

Tem participado em diversas competições internacionais como treinadora e como juiz.

Devido à sua intensa atividade exercida, no domínio desportivo, junto dos jovens, recebeu vários reconhecimentos de mérito, tendo sido, galardoada pelo Governo Regional dos Açores quando completou 25, 30 e 35 anos como treinadora. Em 2004, recebeu um Voto de Congratulação do Presidente da Assembleia Municipal de Angra do Heroísmo e, em 2007, foi reconhecida no II Seminário Internacional de Treino de Atletismo.



ARMINDO PEDRO LOURO

Nasceu em Pombal (Leiria), a 5 de janeiro de 1947.

Frequentou o seminário durante cerca de sete anos, período em que, também, esteve em Itália.

Aos 19 anos partiu de Pombal para os Estados Unidos da América.

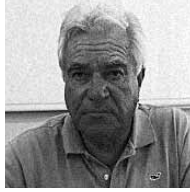
Depois de realizar serviço militar na marinha norte-americana, prosseguiu os estudos na Bristol Community College e mais tarde na Universidade de Massachusetts, onde se licenciou em Engenharia Civil, em 1977.

Posteriormente, e em conjunto com o irmão e um cunhado, criou uma empresa de construção civil, na cidade de Fall River – a “LAL – Construction”, a que preside, e a qual foi galardoada pela Amtrak com o Prémio Empresarial do Ano 2000, um prémio destinado às pequenas empresas, e que reconheceu a “LAL - Construction” pela renovação da estação Attleboro Amtrak.

É um amigo da Região Autónoma dos Açores.

Em homenagem à esposa, médica já falecida, criou as bolsas de estudo “Dr.^a Conceição Araújo Oliveira Louro para estudantes do ensino superior”, destinadas a alunos com carência ou portadores de necessidades educativas especiais ou alunos de mérito de licenciatura ou de mestrado em instituições públicas de ensino superior.

Esta bolsa já apoiou cerca de uma centena de estudantes da Universidade dos Açores a progredir nos seus cursos ou a concluir os seus ciclos de estudo.



JOÃO CARLOS CARDOSO PINHEIRO

Nasceu na freguesia das Angústias, na ilha do Faial, a 26 de abril de 1942.

Concluiu o Liceu Nacional da Horta em 1959 e, nesse mesmo ano, emigrou com o seu pai, José Cardoso Pinheiro – um dos mais emblemáticos baleeiros do Faial e dos Açores – e restante família para os Estados Unidos durante a vaga migratória originada pelo Vulcão dos Capelinhos, tendo-se radicado em New Bedford, Massachusetts.

Nessa cidade dedicou-se ao ramo automóvel e tornou-se presidente e proprietário da Luzo Auto Center, que no ano 2018 completou 50 anos de existência.

Cedo se destacou no seio da comunidade portuguesa e luso-americana. Foi o primeiro português nomeado para o Board of Trustees do New Bedford Whaling Museum e é, atualmente, o copresidente do Comité Consultivo Português do Museu e, nessa qualidade, empenhou-se ativamente para a instituição da Galeria do Baleeiro Açoriano que inaugurou em setembro de 2010.

Foi um dos fundadores e é membro ativo da Azorean Maritime Heritage Society e foi um dos fundadores e organizadores da Regata Internacional de Botes Baleeiros que se realiza de dois em dois anos, alternadamente nos EUA e nos Açores.

Entre as várias organizações de que tem feito parte em New Bedford, salienta-se a Prince Henry Society State Council, do qual foi presidente, a Buzzard's Bay Regatta do qual foi diretor, a Portuguese

Sports Club, o Clube União Faialense, a Fundação Faialense, PSC Scholarship Fund, New Bedford Yacht Club e National Business Association.

É um dinamizador ativo no sentido de manter viva a relação entre as cidades da Horta e New Bedford, cidades geminadas desde 1972.

Considerado um velejador de mérito, foi reconhecido pelo Standard Times, em 1983, o melhor de Buzzard's Bay e, em 2003, pelo New England Double Hander Champion Sail.

Em 1992 recebeu o prémio “Man of the Year” atribuído pela reputada fundação Prince Henry Society's de New Bedford, em 2010 recebeu a distinção atribuída pelo Portuguese Heritage Award e em 2013 foi distinguido com o prémio “Leadership in Community”, pelo serviço comunitário prestado, atribuído pela Portuguese American Leadership Council of the United States (PALCUS)

Ainda em 2013, foi agraciado Comendador da Ordem de Mérito, condecoração atribuída pelo Presidente da República, Cavaco Silva, no âmbito das celebrações do Dia de Portugal.



LÚCIA ELNORA NÓIA

Nasceu na freguesia de Flamengos, na ilha do Faial a 17 de março de 1936.

Em 1959 deixou os Açores, onde, em contexto de regime fascista, lhe foi negada uma posição de ensino porque se iria casar com um cidadão não-português. Emigrada no Canadá, serviu bem a sua comunidade, dedicando incontáveis horas para ajudar os emigrantes recém-chegados.

Em 1963, mudou-se do Canadá para os Estados Unidos da América.

Profissional dedicada no campo dos serviços sociais, nomeadamente na defesa dos mais marginalizados e da saúde mental. Lutou pelos direitos dos emigrantes e, por ser detentora de um enorme sentido de justiça social, marca presença na vida de muitas pessoas, contribuindo para campanhas políticas, para o ensino e para causas humanitárias.

É coapresentadora do programa televisivo “Os Portugueses no Vale”, que celebrou a suas bodas de prata no dia 21 de fevereiro de 2016.

É igualmente bem-sucedida na área dos negócios, tendo sido homenageada pelas mais variadas entidades públicas e privadas, sendo há meia dúzia de anos distinguida como a mulher do ano do Condado de Fresno. Foi a primeira mulher oriunda dos Açores a receber tal distinção neste Condado.

Toda a sua vida tem sido pautada pela vocação de benemérita, de interesse pela cultura e sempre comprometida com as causas da

justiça social, da liberdade de expressão, dos direitos humanos, do direito que cada cidadão tem no acesso à saúde, ao ensino e a uma vida com dignidade e oportunidades.



ALMANAQUE DO CAMPONEZ

Foi fundado em 1917 por Manuel Joaquim de Andrade, proprietário da Tipografia e Livraria Andrade, na ilha Terceira. É considerado o almanaque mais lido nos Açores, Madeira, América e Canadá.

Esta publicação assumiu desde sempre uma especial importância para os agricultores e para o público em geral, constituindo-se como uma espécie de guia prático, onde inclui um calendário e informações variadas, de tipo genérico mais dirigidas para algum ramo em particular, nomeadamente a agricultura, com indicação de datas comemorativas e festividades, signos e provisões de ciclos lunares, estações do ano e estado do tempo.

Numa altura em que muito poucos eram aqueles que sabiam ler nos Açores, este almanaque era, certamente, a publicação que mais interesse despertava. Prova disso são tiragens de cerca de nove mil unidades que posteriormente eram distribuídas e vendidas nas ilhas dos arquipélagos dos Açores e Madeira e em Portugal continental.

Revela-se também que apesar das distâncias, dos fusos horários e das condições climatéricas, as comunidades de açorianos nos Estados Unidos da América e do Canadá também o adquirem, em número considerável, provavelmente como processo de manter as raízes e vivências que ainda lhes são queridas.

Contando já com 100 anos de publicações, este livro passou a ser editado pelo filho Elvino Lonett Andrade, após o falecimento do seu pai e fundador do Almanaque, sucedendo-se-lhe Luis Lester

Fagundes Andrade, cabendo na atualidade ao bisneto de Manuel Andrade, Luis Filipe de Matos Andrade, cumprir o legado que lhe foi deixado.



ASSOCIAÇÃO HUMANITÁRIA DOS BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS DA ILHA DO CORVO

Foi fundada a 29 de setembro de 1987 e é uma corporação constituída por elementos exclusivamente voluntários.

Tendo como missão o combate a incêndios e apoio à população, sobretudo em caso de catástrofes, destaca-se pela importância, compromisso e prontidão dos elementos da corporação que, embora voluntários, estão de prevenção no aeródromo do Corvo e dão igualmente apoio no transporte de doentes. Regista-se que esta foi a primeira Associação dos Açores a efetuar serviço de prevenção numa aerogare civil.

Conta com um corpo de 13 bombeiros, sendo doze do sexo masculino e um do sexo feminino, que já estiveram envolvidos no combate a vários incêndios, no apoio vital aquando das várias intempéries que assolaram a ilha, destacando-se em 1993 a missão de resgate com vida de 15 tripulantes do pesqueiro “Landana”, em local de difícil acesso e perigoso, com meios escassos, mas concluída com sucesso e a missão, com grau de dificuldade elevada, ocorrida em 2015, que envolveu um acidente de viação, o qual vitimou uma turista continental e causou 6 feridos.

Inicialmente funcionava em edifícios cedidos pelo Governo Regional, bem como pelo Município do Corvo, mas atualmente já tem sede própria, estando o seu quartel instalado na Rua dos Moínhos. Teve como Presidentes da Direção, João Cardigos, Padre João Carlos, Manuel Rita, Aida Andrade, Iasalde Nunes, e é atualmente

presidida por Vera Câmara. Foram comandantes desta Cooperação Guilherme Nunes, Óscar Rocha, sendo atualmente Marco Silva o responsável operacional do corpo de bombeiros da ilha do Corvo.

Contando com 130 sócios, é uma Associação muito respeitada e tem uma importante ligação com a população da sua ilha, cuja sede é também espaço de convívio e onde se promovem com regularidade atividades de sensibilização para população, especialmente para jovens e crianças.



CASA DOS AÇORES DO RIO GRANDE DO SUL

Foi fundada a 8 de dezembro de 2003 e inaugurada a 23 de março de 2007, com o objetivo de evidenciar a etnia e cultura açoriana, graças às ações do Governo regional dos Açores, para proporcionar uma visão de pertença que corria o risco de se perder depois de 270 anos da chegada dos primeiros açorianos em terras gaúchas.

Voltada para todo o Estado do Rio Grande do Sul, tem o compromisso e a missão de divulgar, proteger, resgatar e promover a cultura e os interesses dos Açores e dos açordescendentes, em sintonia com as comunidades onde estão inseridas as demais Casas dos Açores e com o próprio arquipélago.

A Casa dos Açores funciona com o trabalho voluntário da sua diretoria e de um quadro de associados e, no âmbito das suas atividades, destaca-se a promoção de eventos culturais que divulgam e prestigiam as áreas de Literatura, História Artes Plásticas, Teatro, Folclore e Música entre outros.

Ao longo dos últimos anos tem realizado parcerias culturais com outros municípios gaúchos interessados pela História e Cultura dos Açores, através de Núcleos Açorianos que atuam nas mais diversas áreas culturais.

Tem a sua sede no “Casarão Fonseca” ou, como também é conhecido, “Solar da Magnólia”, casa histórica construída em 1877 por Manuel Rodrigues da Fonseca, neto de açorianos. Depois de anos de abandono e de entrar em ruínas, o prédio foi cedido pelo município à Casa dos Açores que, após obras de reabilitação, o inaugurou a 8 de dezembro de 2007.

O prédio que serve de sede à Casa dos Açores é considerado patrimônio arquitetônico e cultural e faz parte dos Bens Patrimoniais do Município de Gravataí. Aberta ao público, a Casa dos Açores faz parte do roteiro turístico do Centro Histórico do Município do Gravataí e o seu acervo bibliográfico, todo ele sistematizado, serve de apoio a estudantes, especialmente a universitários, de todo o Estado.

A Casa dos Açores do Rio Grande do Sul foi a décima primeira Casa a fazer parte do Conselho Mundial das Casas dos Açores que reúne as catorze Casas dos Açores no mundo, tendo no seu segundo ano de existência sediado a Assembleia Geral do Conselho.



CASA DOS AÇORES DO RIO DE JANEIRO

Foi constituída a 17 de julho de 1952, por um grupo de açorianos, que se reuniram no centro trasmontano (tradicional casa portuguesa estabelecida na Tijuca).

Vitorino Nemésio, na sua primeira passagem pelo Brasil, em 1952, deixaria a sua marca na História do povo açoriano em solo fluminense, e dos cariocas, ao incentivar a formação de uma Casa Regional que congregasse os açorianos e as suas práticas culturais. Com um brilhante discurso patriótico de Vitorino Nemésio sobre o encanto das ilhas e sobre o sentimento de solidariedade que deveria unir o povo açoriano, nascia a Casa dos Açores do Rio de Janeiro. Futuramente, os vinte e seis presentes nesta reunião tornar-se-iam sócios iniciadores, como consta no Estatuto da Casa dos Açores do Rio de Janeiro, e Vitorino Nemésio consagrar-se-ia como presidente de Honra.

O passo seguinte foi fundar uma sede própria, objetivo a que propuseram com afincos e graças a uma série de doações, festas e churrascos. Assim, a Diretoria da Casa dos Açores do Rio de Janeiro adquiria em leilão, a sua tão sonhada sede e em tempo recorde, apenas quatro meses após a fundação.

Os seus principais objetivos centram-se na congregação de todos os seus associados, em especial os naturais do Arquipélago dos Açores e os seus descendentes, torná-los conhecidos e amigos, irmanando-os nos princípios da solidariedade humana e identificando-os no amor que devem ter aos Açores, a Portugal e ao Brasil. Tem

também como missão divulgar entre os seus associados a História portuguesa, principalmente a das Ilhas Açorianas, de modo a que todos a conheçam e propaguem nos meios em que convivam, bem como ministrar, na medida do possível, esses conhecimentos por meio de palestras, conferências e publicações.

No âmbito das suas atividades destaca-se o Encontro Cultural Açoriano, os Festejos em Louvor ao Divino Espírito Santo e a Festa do Senhor Santo Cristo dos Milagres.



CASA DOS AÇORES DE SANTA CATARINA

Foi constituída em dezembro de 1999 por descendentes dos emigrantes açorianos que chegaram a Santa Catarina entre 1748 e 1754 e por simpatizantes da açorianidade. O estreitamento das relações entre Santa Catarina e os Açores na década de 1990 levou ao fortalecimento do Núcleo de Estudos Açorianos da Universidade Federal de Santa Catarina, de onde surgiu a iniciativa da criação da Casa dos Açores de Santa Catarina.

A Direção Regional das Comunidades do Governo dos Açores foi fundamental para que a iniciativa lograsse êxito.

Ela tem um perfil diferente da maioria das Casas dos Açores, uma vez que não é constituída por pessoas nascidas nos Açores, mas por descendentes de sexta, sétima, oitava e nona geração.

O maior objetivo da Casa dos Açores de Santa Catarina é propiciar a integração dos descendentes luso-açorianos, que valorizem a herança cultural açoriana e que promovam as nossas manifestações mais significativas deixadas pelos povoadores.

No âmbito das suas atividades, destaca-se a promoção do desenvolvimento social, económico e cultural das comunidades de raiz açoriana no Estado de Santa Catarina, por meio de exposições, apresentações artísticas e publicações literárias.

Paralelamente, já desenvolveu vários projetos de valorização das rendeiras em Santa Catarina. Por intermédio de um convênio com o Programa de Promoção ao Artesanato de Tradição Cultural – PROMOART, Centro Nacional do Folclore e Cultura Popular

e IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico Nacional, lançou o Centro de Referência da Renda de Bilro de Florianópolis, na Lagoa da Conceição, e, posteriormente, o núcleo de rendeiras de Sambaqui, instalado no emblemático Casarão de Sambaqui e o núcleo de rendeiras do Pântano do Sul, instalado na sede da Associação de Moradores daquele local.

Desde 2010, a Casa dos Açores de Santa Catarina tem participado do Ciclo do Divino Espírito Santo, que é promovido pela Prefeitura Municipal de Florianópolis. Esta festa representa muito mais que uma tradição religiosa, pois consagra também a manifestação cultural e folclórica dos habitantes do litoral de Santa Catarina.

Neste ano de 2018 em que se celebram os 270 anos da chegada dos primeiros açorianos, a Casa dos Açores tem organizado, em parceria com entidades públicas e privadas, diversos eventos alusivos à efeméride.

Por proposta da Casa dos Açores, o Estado de Santa Catarina sancionou lei estadual que declarou 2018, Ano dos Açores em Santa Catarina.



CASA DOS AÇORES DE SÃO PAULO

Foi constituída a 22 de junho de 1980 e inaugurada oficialmente em abril de 1986, tendo como objetivos reunir os açorianos, os seus descendentes e todos os simpatizantes dos Açores, bem como manter e propagar a cultura, o folclore e os usos e costumes desta Região.

Possui sede própria, com espaços que lhe permitem realizar as mais variadas iniciativas.

No âmbito das suas atividades, destaca-se a promoção de um conjunto de ações e de eventos gastronómicos com pratos e produtos típicos dos Açores, palestras, exposições, e outros eventos com primazia para as artes como teatro, dança e música. O Coral Cantares do Basoaldo e seu Grupo Folclórico são destaques.

Paralelamente tem desenvolvido um trabalho de divulgação dos Açores, aos mais variados níveis e junto de estudantes do ensino universitário e ensino básico, através da dinamização de sessões de esclarecimento e concursos variados.

É de destacar o concurso “Açores, Natural, Naturalmente e Brasil Florão da América”, iniciado na Semana Cultural de 2012, que envolveu um concurso de redações sobre a temática, no qual participaram várias escolas, e um “quiz” para apuramento do vencedor. Este concurso teve como prémio, uma viagem aos Açores, que ocorreu em novembro de 2013.

Outra das iniciativas a salientar, em parceria com a Direção Regional das Comunidades, foi a Exposição “Açores Divino Açores”,

que ocorreu em abril de 2012, no Centro Comercial Anália Franco, em São Paulo, na qual se procedeu a mostras de artesanato dos Açores, iniciativas de divulgação turística e empresarial, bem como outras atividades culturais.

Com mais de uma centena de associados, a sua área de abrangência geográfica estende-se ao Estado de S. Paulo.

Esta Casa dos Açores também integra o Conselho Mundial das Casas dos Açores desde 1997, tendo presidido o mesmo Conselho em 2002 e o último em 2016, tendo sido, inclusive, realizado nos Açores, na ilha das Flores e na ilha do Corvo.



CASA DE REPOUSO JOÃO INÁCIO DE SOUSA

Foi fundada a 21 de maio de 1903, sob a designação de Asilo de Mendicidade da Vila das Velas, depois da vultuosa dádiva do benemérito João Inácio de Sousa e, finalmente em 1975 e em consequência da revolução de 1974, passou a usar a denominação atual de “Casa de Repouso João Inácio de Sousa”, sendo uma instituição de solidariedade social na vertente de apoio à pessoa idosa.

Desenvolve as mais variadas atividades de apoio inerentes à finalidade para que foi constituída, o apoio social de pessoas idosas, havendo criado, para o efeito, o Lar de Idosos, diversos locais para convívio e lazer dos seus utentes, uma capela para atos de culto religioso e um Centro de Dia com capacidade para 25 utentes.

Por força das alterações sociais trazidas com a implementação da Democracia Portuguesa em 1974, a instituição viu-se na necessidade de se adaptar aos novos tempos, tendo para isso procedido à remodelação do Lar e ao alargamento da sua área de abrangência, com a implementação de prestação de serviço ao domicílio, sobretudo a pessoas carenciadas, asseverando, assim, a sua grande importância no seio da comunidade jorgense.

A 19 de dezembro de 1993 foi inaugurada a ampliação e remodelação do edifício.

Atualmente a Casa de Repouso presta serviço aos seus 75 utentes do Lar de Idosos, aos seus 20 utentes do Centro de Dia, aos 70 utentes do Apoio ao Domicílio, concedendo ainda apoio social externo a pessoas repatriadas e sem abrigo, no Centro de Apoio Temporário, CAT.



Irmãs Hospitaleiras

CASA DE SAÚDE
DO ESPÍRITO SANTO

CASA DE SAÚDE DO ESPÍRITO SANTO – IRMÃS HOSPITALEIRAS

Foi constituída em 1967, na ilha Terceira, pela Congregação das Irmãs Hospitaleiras do Sagrado Coração de Jesus, numa iniciativa que constituiu um passo na dignificação do tratamento da doença mental nas mulheres.

Atualmente, constitui-se como um dos doze estabelecimentos de saúde geridos pelo Instituto das Irmãs Hospitaleiras do Sagrado Coração de Jesus, uma Instituição Particular de solidariedade Social e tem como missão a prestação de cuidados no âmbito da saúde mental e psiquiatria, com uma abordagem aos três níveis de prevenção.

Orienta-se por um modelo de intervenção centrado no Ser Humano e em particular na pessoa que sofre, promovendo uma relação humana que fortaleça a mútua compreensão, ajuda e partilha, por isso os seus programas assistenciais são prestados segundo um modelo de assistência integral que, através do trabalho em equipa, desenvolve a intervenção terapêutica contemplando os aspetos biológicos, psíquicos, sociais, humanos, espirituais e ético-relacionais.

A qualidade é um objetivo institucional inerente à missão deste Instituto, cuja concretização constitui um compromisso dos Centros de Assistências, dos profissionais e das equipas. Este compromisso expressa-se na prestação de cuidados de saúde, numa dinâmica de melhoria contínua, aos vários níveis de intervenção – prevenção, diagnóstico, tratamento, reabilitação e reintegração – de modo a satisfazer as necessidades e expectativas de todas as partes interes-

sadas – utentes, familiares, profissionais, voluntários, entidades parceiras e financiadoras.

É certificada desde 2014 pelo Sistema da Gestão da Qualidade (SGQ), tendo por base os referenciais do modelo European Quality Assurance for Social Services (EQUASS), na totalidade das suas valências.



CONFEDERAÇÃO OPERÁRIA TERCEIRENSE (Associação de Socorros Mútuos)

Foi fundada a 3 de agosto de 1918 pela classe laboral a partir da quotização conjunta das classes de alfaiataria e de sapataria Terceirenses, com o objetivo de ser o porto de auxílio na Doença e no Funeral dos seus fundadores.

Inicialmente, o apoio concedido por esta Associação cometia-se a um subsídio de doença e funeral, mas depressa se transformou na atribuição de apoio monetário em outras modalidades, passando a disponibilizar subsídios por inabilidade, para a reforma e para assistência geral.

A 7 de dezembro de 1979, a Câmara Municipal de Angra do Heroísmo determina legitimar a Confederação Operária Terceirense como Associação de utilidade Pública.

Em 1988, volvidos 8 anos do terramoto que violentamente abalou a ilha Terceira, e com o apoio do Governo Regional dos Açores, a Associação consegue ver constituída realidade a reconstrução da sua Sede, que durante quase 100 anos serviu como local de amparo para todos os seus associados.

Atualmente, esta Associação de Socorros Mútuos é composta por 20 sócios dos 800 que a então compuseram em 1918.

Para além da atribuição de diversos apoios de cariz monetário aos associados, a Confederação Operária Terceirense é composta de diversas valências de apoio à comunidade Terceirense, das quais se destacam a Creche e Jardim de Infância “O Golfinho”, o Centro

de Atividades e Tempos Livres (CATL) “O Golfinho”, a Novo Rumo (Abrigo Amigo), a Casa de Emergência, a Rumo Certo - Residência de Autonomização, a Equipa de Apoio a Grupo de Risco (EAGR), a SOS Vítima, a Casa Abrigo “Renascer”, o Centro de Atendimento e de Inserção (CAAP’s - RSI), o grupo de jovens voluntários Dèi Santi e a Equipa Multidisciplinar de Apoio aos Tribunais (EMAT), que foi entretanto extinta em 2016.

É também parceira de todos os projetos e campanhas de solidariedade social desenvolvidas na ilha Terceira e integra as redes de intervenção aí constituídas, que considera serem pertinentes à prossecução da sua ação de solidariedade na comunidade.



DELEGAÇÃO DA CRUZ VERMELHA DE ANGRA DO HEROÍSMO

Foi oficialmente criada em 13 de Junho de 1917, data em que a Comissão Central da Sociedade Portuguesa da Cruz Vermelha aprovou a criação duma Delegação nesta cidade constituída por uma Comissão Instaladora e presidida pelo Dr. Alfredo da Silva Sampaio, Sr.º Thomé de Castro, Sr.º Jácome de Bruges e Sr.º Manuel Augusto dos Reis, sendo uma Instituição Humanitária não governamental de carácter voluntário e de interesse público, sem fins lucrativos, que desenvolve a sua atividade no respeito pelo Direito Internacional Humanitário e em Obediência aos Princípios Fundamentais e Recomendações do Movimento Internacional da Cruz Vermelha e do Crescente Vermelho.

Ao longo da sua História, auxiliou as populações das Ilhas Terceira, São Jorge e Graciosa nas distribuições de produtos alimentares, vestuário e outros artigos, tendo ainda prestado apoio nas áreas de enfermagem, primeiros socorros, transportes de doentes e apoio geral.

Após um período em que é convertida em Centro Humanitário, recupera o estatuto de Delegação em janeiro de 2017, com gestão autónoma e liderada pelo Tenente Coronel António Cunha, o qual a partir de abril de 2018 por deliberação da Direção Nacional da Cruz Vermelha Portuguesa, passa também a exercer as funções de Coordenador Regional de Emergência em situações de catástrofes e calamidades.

A instituição tem estado sempre ao lado das populações e mantido a assistência humanitária e social - em especial aos mais vulneráveis - prevenindo e reparando o sofrimento e contribuindo para a defesa da vida, da saúde e da dignidade humana. Disso são exemplo o apoio prestado aquando do terramoto de 1980 que desalojou inúmeras famílias e o auxílio aos peregrinos que vão anualmente em romaria ao Santuário de Nossa Senhora dos Milagres na freguesia da Serreta.

Celebrados os seus 100 anos de atividade, estamos perante uma instituição de referência na área social na ilha Terceira, que, em espírito de voluntariado tem dedicado a sua ação em prol do bem-estar das populações.

O Dever

JORNAL “O DEVER”

Foi fundado no ano de 1917 pelo Padre João Vieira Xavier Madruga, natural da ilha do Pico, com o objetivo primordial de combater as convicções de cariz republicano e, ao mesmo tempo, defender os interesses da Igreja Católica, vindo mais tarde a constituir-se como um importante veículo de apoio ao Estado Novo no arquipélago dos Açores, enquanto órgão de comunicação social promotor dos seus valores.

Com o fim do Estado Novo e a implementação da Democracia em Portugal e, posteriormente, da Autonomia nos Açores, este jornal fez por acompanhar a evolução do tempo e, com ele, os novos ideais políticos e sociais que surgiram.

A sua tiragem e distribuição pelos vários assinantes e pelas várias bancas efetuou-se pela primeira vez no sábado, dia 2 de junho de 1917, na Vila da Calheta de São Jorge, época em que era então Pároco e Ouvidor no Topo, na Ilha de São Jorge, o seu fundador, Padre João Xavier Madruga, e onde este jornal se manteve em plena atividade durante 21 anos.

Em 1938, o jornal foi transferido para a ilha do Pico, cuja primeira publicação ocorreu no dia 3 de setembro.

Com o volver do tempo, este jornal passou a estar disponível nas bancas às sextas-feiras e, atualmente, é distribuído semanalmente às quintas-feiras.

Em 2017, completou 100 anos de atividade em prol do ramo informativo da Região Autónoma dos Açores.

Atualmente, é propriedade da Matriz da Santíssima Trindade das Lajes do Pico, a quem foi cedido pelo seu prévio e até então único proprietário e fundador, Padre João Vieira Xavier Madruga.

O Jornal “O Dever” é o semanário mais antigo da Região Autónoma dos Açores e um dos mais antigos de Portugal.



SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DAS LAJES DO PICO

Foi constituída no século XVI, em 1592 e é uma das mais antigas instituições da Ilha do Pico. Instituída por Alvará Régio, assumiu um papel fundamental na assistência e caridade da população das Lajes do Pico. A 28 de dezembro de 1750, foram definidos os seus primeiros Estatutos, assinados pelo provedor Pe. Mathias Cardoso Machado Bettencourt e pelos restantes vinte e um irmãos.

Foi inaugurado, em 1960, o hospital sub-regional desta Santa Casa que funcionou durante muitos anos como hospital concelhio e era o único sistema de saúde que existia ao serviço da população.

Em 1981, iniciou a prestação de serviços de apoio à criança com a valência Jardim-de-Infância, área de intervenção que foi progressivamente alargada com as valências de Creche, Jardim-de-infância e Atividades de Tempos Livres (ATL), hoje sediadas num edifício próprio, inaugurado em 1993.

Em 1992, surgiu a primeira valência de apoio a idosos e pessoas em situação de isolamento e/ou dependência, com a resposta social Serviço de Apoio Domiciliário (SAD), tendo sido esta uma das primeiras instituições da Região a assegurar este serviço, todos os dias da semana.

O acolhimento residencial de idosos, com uma capacidade total para quarenta e sete utentes, teve início em 1998, numa casa de moradia, sita na freguesia da Piedade. Em 2004, foi inaugurado o Lar Sra. Da Piedade, ampliado e requalificado em 2017. Em 2009, foi inaugurada outra estrutura na freguesia das Lajes - Lar Calvino dos Santos.

Procede, diariamente, ao transporte de portadores de deficiência para o Centro de Atividades Ocupacionais da Santa Casa da Misericórdia da Madalena.

A 1 de setembro de 1999, assinou um acordo de cooperação com o Instituto de Ação Social, que permitiu a conceção da primeira equipa de acompanhamento de famílias beneficiárias de Rendimento Social de Inserção, na ilha do Pico, convertido em 2009 num Protocolo celebrado com o mesmo Instituto.

É, ainda, a entidade promotora do Pólo de Prevenção e Combate à Violência Doméstica da Ilha do Pico, criado por iniciativa do Governo Regional dos Açores, a 19 de novembro de 2010 e é, também, neste âmbito que se insere a Casa de Acolhimento Temporário.

Dispõe de um Banco de Ajudas Técnicas, que visa facilitar o acesso da comunidade a recursos que facilitem situações esporádicas ou continuadas de maior dependência.

Todos estes serviços englobam, atualmente, cerca de duzentos utentes que, nos vários domínios assistenciais, são assegurados por um quadro de pessoal com mais de cinquenta funcionários.

Esta Instituição assume-se, assim, como um alicerce fundamental e decisivo na concretização da solidariedade social que é desenvolvida no concelho e na ilha e tem como visão, num trabalho de esforço contínuo, a satisfação das necessidades da comunidade, através da adequação e diversificação das respostas sociais de forma colaborativa e sustentada, pautando esse trabalho por princípios de qualidade, equidade e responsabilidade social, em prol da qualidade de vida e do bem-estar destas populações.



SOCIEDADE FILARMÓNICA LIBERDADE LAJENSE

Foi fundada no dia 14 de fevereiro de 1864, sob a designação de Filarmónica Lajense, estreando-se nesse mesmo dia na procissão de penitência que decorria nas Lajes do Pico.

No desenrolar de 150 anos de atividade, a banda experienciou alguns períodos mais conturbados, tendo vivido inclusivamente um período de fratura de que resultaram duas filarmónicas, a então Filarmónica Lajense e a nova, atual Sociedade Filarmónica Liberdade Lajense. Não obstante, sempre trabalhou com árduo afínco em prol da identidade açoriana, assumindo um papel de destaque no seio da sua freguesia-mãe, enquanto órgão coletivo dinamizador da cultura popular e musical na Região Autónoma dos Açores, animando as mais diversas festividades e sessões solenes, de índole religiosa e cultural, quer da Freguesia, quer da ilha do Pico.

A Banda Filarmónica é composta por cerca de 45 músicos, 35 formandos e 5 formadores, estando a sua direção musical a cargo da Maestrina Catarina Paixão.

Constitui-se como a mais antiga filarmónica do concelho das Lajes e da ilha do Pico.

A PORTUGUESA

Heróis do mar, nobre povo,
Nação valente, imortal,
Levantai hoje de novo
O esplendor de Portugal!
Entre as brumas da memória,
Ó Pátria, sente-se a voz
Dos teus egrégios avós,
Que há-de guiar-te à vitória!

Às armas, às armas!
Sobre a terra, sobre o mar,
Às armas, às armas!
Pela Pátria lutar
Contra os canhões marchar, marchar!

HINO DOS AÇORES

Deram frutos a fé e a firmeza
no esplendor de um cântico novo:
os Açores são a nossa certeza
de traçar a glória de um povo.

Para a frente! Em comunhão,
pela nossa autonomia.
Liberdade, justiça e razão
estão acesas no alto clarão
da bandeira que nos guia.

Para a frente! Lutar, batalhar
pelo passado imortal.
No futuro a luz semear,
de um povo triunfal.

De um destino com brio alcançado
colheremos mais frutos e flores;
porque é esse o sentido sagrado
das estrelas que coroam os Açores.

Para a frente, Açorianos!
Pela paz à terra unida.
Largos voos, com ardor, firmamos,
para que mais floresçam os ramos
da vitória merecida.

Para a frente! Lutar, batalhar
pelo passado imortal.
No futuro a luz semear,
de um povo triunfal.

